



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

A vida em coletividade (condomínios)

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

Os desafios da convivência apontam os próprios desafios de viver: em contato com o outro nos estruturamos, nos constituímos, nos reconhecemos, nos identificamos. Por isso, há de se estar ligado com o mundo, desde o conceito mais íntimo de si mesmo com seu mundo interior, passando ao particular da família de origem, até a expansão para o chamado laço social.

A psicanálise é, inclusive, ela mesma, um dos laços sociais que compõem a estrutura da sociedade, ao lado do governar e do educar.

Por psicanalisar se entende a clínica do individual, o lugar onde o sujeito fala e se ouve, onde pode associar livremente e deixa escapar mais do que palavras, mas os pequenos vestígios deixados pelo inconsciente em atos falhos, sonhos, chistes, e pelo corpo.

Por governar se pressupõe a política, enquanto exercício da cidadania ou relacionamento no grupo social que integra a “pólis”, a dinâmica constituída tanto por quem governa, quanto por quem é governado.

A “pólis” não deve ser compreendida dentro de limites geográficos, mas simbólicos, como a cidade onde os discursos – falados ou não - fluem e acontecem.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Por educar se pode conceber não apenas a transmissão de conteúdos no ensino formal nas escolas, mas o manejo e desdobramento deste repositório de sabedoria pelo sujeito na aplicação prática na sua vida individual e em coletividade.

No seu texto **A Psicologia das Massas e a Análise do Eu**, 1921, Sigmund Freud vai pensar o *sujeito do social* e o *sujeito do individual*, com a seguinte questão: há grande diferença entre o que somos intimamente para o que somos coletivamente?

Quantas vezes individualmente nos sentimos incapazes de realizar, por exemplo, uma ação assistencial de distribuição de sopa nas ruas, mas quando integrados a um grupo movido pelo mesmo ideal somos estimulados e nos sentimos até “protegidos”?

E quantas vezes também, individualmente, seríamos incapazes de fazer mal a um inseto, mas, por exemplo, integrando uma torcida de futebol, deixamos escapar epítetos preconceituosos, violentos, não raro culminando até num linchamento de um outro (indivíduo) que passou a ser objeto da transgressão?

O que mudou?

Em grupo, temos um desejo partilhado por outras pessoas, numa ação unificadora que suscita laços afetivos positivos ou negativos, que nada mais são que termos de uma mesma equação.

Assim, a vida em coletividade é um retrato da vida particular, ainda que dissimulada pelos mecanismos de defesa tão característicos da personalidade e tão importantes para a relação social.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Essa cultura que cobra o preço do sacrifício instintual, como analisa Freud no célebre texto **O Mal estar na Civilização**, 1930, apresenta alguns furos que aparecem com muita frequência nos espaços compartilhados onde podemos ser um pouco mais nós mesmos: os condomínios.

A porta de casa é quase a entrada do cercadinho: ali se pode brincar, xingar, brigar, amar, imaginar, falar mal dos outros, estudar. E quando essa porta dá para a janela do vizinho, temos a encarnação da lei que nos lembra do que seria melhor, por um momento, esquecer: não estamos sozinhos.

Somos vistos, revelados e também observadores. E a proximidade tem a mágica de amplificar os pequenos detalhes da vida cotidiana.

Bom seria se, por dentro ou por fora, individual ou coletivamente, sempre fizéssemos com o outro o que gostaríamos que fizessem a nós. Isso não tornaria a vida mais fácil, mas colaboraria para o bem-estar possível de viver.